

Narrativa Feminina Negra na Literatura: Transposições do Jornalismo Literário Escrito e em Formato de Podcast ¹

Pamela Leite de Sousa²
Tarcísio Torres Silva³

Pontifícia Universidade Católica de Campinas - PUC-Campinas

RESUMO

Este trabalho tem como intuito compreender as transformações do jornalismo literário no formato de podcast. Com interesse especial na abordagem de obras literárias de mulheres negras, partimos de uma pesquisa bibliográfica e exploratória sobre jornalismo literário, podcast e transmídia. Em seguida, analisamos dois episódios do podcast Clube do Livro Eldorado, de modo a entendermos como esta mídia constrói conteúdo pertinente à área de estudo com recursos específicos. Como resultados, identificamos o uso do nariz cera episódios analisados e a voz feminina negra ao se abordar a literatura negra feminina no formato podcast.

PALAVRAS-CHAVE: raça; identidade; comunicação; jornalismo literário; podcast.

INTRODUÇÃO

A pluralidade de vozes, juntamente da imersão no grupo social para o entendimento identitário, faz que o jornalismo literário não tenha uma barreira de linguagem e que se firma uma ponte entre o leitor e o outro, de forma que se cria um vínculo entre ambos.

Com os avanços midiáticos dos ambientes digitais, o jornalismo literário acaba ganhando outras formas, como por exemplo os programas de podcast que vão muito além do texto escrito puro; utilizando-se da hibridização de pensamentos, som e textos através das trocas de ideias (Raposo, 2022, p. 2). De forma a cativar o ouvinte através do uso das ferramentas do *storytelling*, para se aproximar e para formar um vínculo de afeto entre o ouvinte e o que ele está escutando.

Entre os assuntos possíveis de serem abordados no jornalismo literário, interessa-nos a literatura negra feminina. Isso porque é um tipo de literatura que

¹ Trabalho apresentado no Grupo de Trabalho GT30SE - Podcasting e jornalismo: gêneros, formatos e narrativas em transformação, evento integrante da programação do 28º Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste, realizado de 15 a 17 de maio de 2025.

² Estudante de Graduação 5º. semestre do Curso de Jornalismo da PUC-Campinas, email: pamela.ls1@puccampinas.edu.br.

³ Professor pesquisador da Escola de Linguagem e Comunicação da PUC-Campinas, email: tarcisio.silva@puc-campinas.edu.br.

também cria vínculos entre as mulheres negras, seja pela luta contra o racismo, a violência, abusos e até mesmo pela resistência e existência dessas mulheres.

São obras que dão importância na forma como as mulheres negras e escritoras são vistas como sujeito pela sociedade. Livros como “Eu, Tituba: Bruxa negra de Salem” (1986) da Maryse Conde e “Virgínia mordida” (2024) da Jeovanna Vieira. Ambos são temas abordados no podcast “Clube do Livro Eldorado” e que serão analisados neste trabalho.

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

O jornalismo literário é um estilo que aproxima o jornalismo da literatura, de forma que a informação ganha uma história com pluralidade de vozes. Faz uso de metáforas, humaniza os personagens envolvidos e não segue padrões dos textos convencionais. Ele também não tem noção de objetividade, mas sim um exaustivo trabalho de investigação. Tem ainda textos floreados com elementos do nariz de cera⁴. Um exemplo disto é o pioneiro do *New Journalism*, Truman Capote (1924 - 1984), que utilizou essas técnicas para escrever o livro reportagem “À Sangue Frio” (2003), dentro de seis anos, de forma que ele descreveu o crime acontecido em detalhes e tornou os suspeitos e o criminoso em humano em vez de assassinos (Carvalho, 2016, p. 6).

“Quando nos deparamos com as narrativas de outros, sobre a vida dos outros, podemos receber um convite para atravessar as pontes/portas que nos levam tanto ao afeto como ao vínculo” (Martinez; Heidemann, 2019, p. 9). No jornalismo literário, o afeto e o vínculo são a base essencial, representam um convite para o leitor ir ao encontro do outro (tu) e de si mesmo (eu); permitindo o aprendizado das experiências de vidas e a complexidade do mundo que nos cerca.

O jornalismo literário também se relaciona com outras áreas do saber como a Sociologia, permitindo a imersão do pesquisador no ambiente da situação investigada. Para o jornalista Robert Park (1864 - 1944) a observação não deve ser feita de forma isolada, mas por meio da imersão na comunidade pesquisada. Pois assim, o jornalismo estaria ligado não apenas a possibilitar aos indivíduos ficarem

⁴ Parte introdutória de textos jornalísticos mais descritiva e sem muita objetividade.

cientes dos acontecimentos, mas também estariam relacionados ao pertencimento identitário e da atuação social.

[...] poderia permitir ao jornalista literário “ultrapassar a camada superficial do real, mergulhando nas dimensões mais profundas da realidade de forma a apurar, resgatar, compreender, e, finalmente, relatar de uma forma mais integral os sentidos, os nexos e as conexões existentes no acontecimento” (Martinez, 2014, p. 66 *apud* Martinez, 2017, p. 30).

Com os avanços tecnológicos e midiáticos, o jornalismo literário passa pelo fenômeno de expansão, de forma que o gênero está sendo moldado para um determinado tipo de imprensa. Ou seja, o modo de fazer o jornalismo literário não muda, mas sim, a forma que é aplicado - principalmente nas novas áreas da mídia como o podcast e as reportagens em série utilizadas na televisão.

Essa expansão se dá, por exemplo, por meio do podcast. O formato permite que as mídias corporativas e públicas de rádio, TV e jornais possam servir melhor os seus ouvintes (Bonini, 2020, p. 20), com assuntos variados e utilizando os gêneros presentes no jornalismo. Ou seja, no podcast, o jornalismo literário ganhou o nome de *storytelling*, que é utilizado nas séries de áudios pelos criadores como forma de envolver o ouvinte no conteúdo; a criação das narrativas e de formatos diferenciados são cada vez mais explorados. E ainda “proporciona aos criadores de conteúdo um potencial exploratório e criativo, uma vez que pode ser explorado tanto no seu formato como na sua narrativa” (Raposo, 2022, p. 4).

O podcast é um programa distribuído em plataforma online. Sua nomenclatura vem da junção de *pod* - adotado pela Apple, *Ipod* - com *cast* de *broadcast*, que está ligado ao mundo do rádio e da televisão. Nos dias de hoje, verificamos um aumento no consumo e produção do formato, já que possibilita uma diversidade de categorias que podem ser exploradas através das narrativas. Com a hibridização de pensamentos, sons e textos que vai além do texto puro.

No contexto do podcast, a produção e criação de conteúdos comportam desafios e dilemas de fundo associados à ética, liberdade de expressão e opinião e à comunicação do que é ou que se julga ser verdade e pautável, como informação e conhecimento (Raposo, 2022, p. 2).

Além da liberdade de construção criativa que o podcast oferece, também tem adotado uma linguagem própria, de informalidade e linguagem menos cuidada,

para torná-los mais populares e atrativos. De forma que o ouvinte também tem a liberdade de escolher o conteúdo que ouve e o momento, se diferenciando do rádio e da televisão.

Com isso, o podcast se torna um novo produto utilizado pelos criadores, não só pela sua facilidade, mas também em função da convergência de mídias, ou seja, a transmídia que o podcast oferece. Seja pelos vodcast - vídeo e áudio, pelo uso das redes sociais e criação de sites.

O uso e consumo dos podcasts, acompanhado da evolução das novas tecnologias da comunicação, e aliados à facilidade com que se distribui qualquer conteúdo nas mais diversas plataformas. Tem promovido a exploração, adoção de ferramentas e estratégias transmidiáticas para a produção de podcast (Raposo, 2022).

ANÁLISE

A análise dos episódios oito da primeira temporada, e cinco da terceira temporada do programa Clube do Livro Eldorado (2023), foi dividida em duas partes: na primeira procuramos entender como a literatura negra aparece nos episódios e o discurso utilizado pela apresentadora e as convidadas, ou seja, a forma de falar e fluidez da conversa; já a segunda parte é o conteúdo – mixagem de áudio, divisão de blocos e sonoras.

Sendo assim, a escolha dos episódios e temporadas do podcast, está conectada à literatura negra e feminina que é discutida nos dois episódios, mas também como forma de entendermos como a humanização da mulher negra é feita. Além de compreender como a apresentadora Roberta Martinelli, e as suas convidadas – Maria Carolina Casati, Paula Carvalho e Jeovanna Vieira, utilizam as ferramentas do jornalismo literário no podcast, e se expressam em relação à literatura negra.

Os livros “Eu, Tituba: Bruxa negra de Salem” (1986) e “Virgínia mordida” (2024), mostram a realidade da mulher negra em contextos diferentes e épocas. No primeiro, é contada a história sobre uma das mulheres que fez parte das bruxas caçadas em Salém; Tituba, uma escrava negra que foi uma das condenadas pela igreja puritana entre os anos 1692 e 1693 por praticar feitiçaria. Já a segunda obra é a história de um relacionamento abusivo e agressivo que uma mulher negra,

Virgínia, está vivenciando com um argentino. Ambos livros trazem consigo a escrevivência,⁵ conceito criado por Conceição Evaristo, que é a combinação de "escrever", "viver" e "se ver"; que tem como perspectiva multifocal a população negra.

Nas obras apresentadas, a escrevivência é principalmente relacionada à ancestralidade negra, ou seja, a escravidão, mas também aos acontecimentos que se transformaram em resistência; por exemplo: a questão do corpo feminino negro que é visto como objeto pela sociedade, mas que para Tituba e Virgínia é um templo.

Tendo em mente como as mulheres negras são vistas pela sociedade e a escrevivência, o podcast Clube do Livro Eldorado discute os livros em dois episódios do programa como forma de entender a importância da escrita feminina negra que fala sobre si e do negro. Nisso, a questão da negritude das autoras abordadas é tratada de forma simples, mas sempre lembrando da importância da escrita negra e o seu papel ao tratar sobre abusos e violências cometidos contra mulheres negras.

Principalmente quando são contados pelo ponto de vista de outra mulher negra, algo que Roberta Martinelli e as convidadas Maria Carolina Casati e Paula Carvalho discutem no episódio oito da primeira temporada - “Eu Tituba” (2023), ao compararem a peça de teatro “As Bruxas de Salém” escrito por Arthur Miller com a escrita de Maryse Condé. Mostrando a profundidade dos sentimentos e das dores que a escrita negra e a abordagem conseguem trazer através da escrevivência.

A partir disso, no podcast a humanização trazido pelo jornalismo literário é feita para as personagens, como a conexão dessas mulheres com os ouvintes e em vista que elas são vítimas de um sistema preconceituoso. Só que a ruptura na discussão sobre violência contra mulheres negras está no momento que a autora Jeovanna Vieira, participante do episódio cinco da terceira temporada (2024), que

⁵ “Conceito desenvolvido pela professora, escritora e intelectual brasileira Conceição Evaristo. Trata-se de uma combinação de "escrever", "viver" e "se ver", que, para além do jogo de palavras, representa uma concepção derivada de uma epistemologia negra, que, a partir de uma perspectiva multifocal, consegue examinar e analisar os contornos das experiências da população negra brasileira. Assentada em uma consciência afrocentrada, a escrevivência está intimamente ligada ao corpo negro, especialmente ao corpo das mulheres negras escravizadas e, de modo particular, à figura da Mãe Preta” (Escrevivência, sem data).

diz que escreveu o livro por indignação pelo acontecimento que envolveu sua amiga e a raiva que vinha sentindo ao longo da sua vida.

Partindo dessa discussão, os episódios são divididos em duas partes: Quem Pesquisa/Quem Escreve e Quem Lê, como forma de trazer o ponto de vista diferentes dos convidados através de uma conversa descontraída, leituras de trechos do livro, e músicas nacionais que combinam com a temática do livro – principalmente músicas de cantoras negras, como Sued Nunes com Povoada (2021) ou Luedji Luna com Dentro Ali (2017).

Cada convidado tem 25 minutos para falar sobre o assunto, de forma descontraída e informal, fazendo o ouvinte se envolver na conversa entre a apresentadora Roberta Martinelli e seus convidados. A transição de uma conversa para outra é feita por meio da vinheta do programa, que é “Você está ouvindo Clube do Livro Eldorado”.

Além do podcast ter uma estrutura simples, uma linguagem informal, marcador oralidade – “né” e “é” no final das falas da apresentadora e dos convidados; também há a apresentação dos livros que serão discutidos e dos participantes, que é seguido por uma conversa para deixar o convidado mais à vontade de falar e se sentir confortável. De forma que há várias risadas na conversa e um pouco da vida do convidado, seja uma viagem que fez ou algum fato aleatório da vida.

CONCLUSÃO

Com o estudo feito até o momento pode-se entender que o jornalismo literário é uma forma jornalística de contar uma história de algum acontecimento, mas que sempre leva em consideração a “ponte” que é criada entre o leitor e o texto; para que se forme um vínculo e afeição daquilo que está sendo lido.

Além disso, os avanços tecnológicos fizeram com que o gênero fosse abordado em outras plataformas e meios midiáticos; e que é utilizado pelos criadores de conteúdo principalmente nos podcast que ganharam um aumento de consumo.

Com isso, o podcast Clube do Livro Eldorado contribui para a inovação do jornalismo literário, trazendo o uso do nariz de cera ao deixar o convidado à vontade e a demora para ir ao assunto principal, como também a humanização das

personagens e os sentimentos que as mulheres negras têm em relação ao racismo. De forma que a literatura negra junto da mídia sonora preenchem um espaço ao dar vozes a mulheres negras como a pesquisadora Maria Carolina Casati e a escritora Jeovanna Vieira, que trazem a sua experiência de vida e as sensações que elas têm por serem mulheres negra são representadas nos livros discutidos.

REFERÊNCIAS

AKOTIRENE, C. **Interseccionalidade**. São Paulo: Edit. Jandaíra, 2020. (Feminismos Plurais).

BISORDI, I. Caça às bruxas, perseguições e pena de morte: a verdadeira história das Bruxas de Salém. **Aventuras na História**, 15 set. 2020. Disponível em: Acesso em: <https://aventurasnahistoria.com.br/noticias/idade-media/caca-bruxas-perseguiacoes-e-pe-na-de-morte-verdadeira-historia-das-bruxas-de-salem.phtml>. 14 abr. 2025.

BONINI, T. A “segunda era” do podcasting: reenquadrando o podcasting como um novo meio digital massivo. **Radiofonias – Revista de Estudos em Mídia Sonora**, v. 11, n. 1, 3 jul. 2020.

CAPOTE, Truman. **À Sangue Frio**. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

CARVALHO, J; SCHEIBE, R. Truman Capote: do surgimento do New Journalism a “À Sangue Frio”. **Portal Intercom**, 2016. Disponível em: <https://portalintercom.org.br/anais/norte2016/resumos/R49-0586-1.pdf>. Acesso 12 abr. 2025.

CLUBE do Livro Eldorado. Virginia Mordida. Entrevistadora: Roberta Martinelli. Entrevistadas: Maria Carolina Casati e Jeovanna Vieira. Eldorado FM, 31 out. 2024. **Podcast**. Disponível em: <https://open.spotify.com/episode/1dKjQGiLVCLCwOPWq02mQv?si=3e61cd32058849eb>. Acesso em: 07 mar. 2025.

CLUBE do Livro Eldorado. Eu, Tituba. Entrevistadora: Roberta Martinelli. Entrevistadas: Maria Carolina Casati e Paula Carvalho. Eldorado FM, 21 set. 2023. **Podcast**. Disponível em: <https://open.spotify.com/episode/5PCPXBgRiGUBtZuaJ3DsF8?si=3902f773adcc4796>. Acesso em 11 abr. 2025.

CONDE, M. **Eu Tituba**. Rio de Janeiro: Edit. Rosas do Tempo, 2019. (Bruxa negra de Salém).

DENTRO Ali. Intérpretes: Luedji Luna. Compositor: Luedji Luna. *In*: UM CORPO NO MUNDO. Intérprete: Luedji Luna. faixa 2 (6min 13s).

ESCREVIVÊNCIA. **Ancestralidade**, sem data. Disponível em: <https://www.ancestralidades.org.br/termos-e-conceitos/escrevivencia>. Acesso em: 28 mar. 2025.

GONZALEZ, L. A categoria político-cultural de amefricanidade. **Tempo Brasileiro**, Rio de Janeiro, n. 92/ 93, p. 69-82, jan./jun. 1988.

MARTINEZ, M; HEIDEMANN, V. Jornalismo literário: afeto e vínculo em narrativas. **Lumina**, Juiz de Fora, PPGCOM – UFJF, v.13,n.1, p.4-14, jan./abr. 2019.

MARTINEZ, M. Jornalismo Literário: revisão conceitual, história e novas perspectivas. **Intercom**, v. 40, n. 3, p. 21–36, 2017.

POVOADA. Intérpretes: Antdot, Sued Nunes, Maz. Compositor: desconhecido.
In: TRAVESSIA. Intérprete: Sued Nunes. faixa 12 (1min 33s).

RAPOSO, R. Podcasts as Multimedia and Transmedia Experiences: a comparative analysis of Portuguese and Brazilian podcasts. **Visual Culture Review**. 2022: 10(3), 1–21.
Disponível em: <https://doi.org/10.37467/revvisual.v9.3609>. Acesso em: 19 fev. 2025.

VIEIRA, J. **Virgínia Mordida**. São Paulo: Edit. Companhia das Letras, 2024.